

# Um olhar sobre Malangatana



Traços biográficos e a obra do pintor moçambicano na opinião de um crítico de arte

Rui Mário Gonçalves

**M**ALANGATANA Ngwenya Valente nasceu em Matilana, Marracuene, rege-doria Magaia, sob o chefe Dique Magaia, a 6 de Junho de 1936.

Criado durante muito tempo junto da sua mãe, acostumou-se a observá-la nos seus trabalhos tradicionais — decoração de cabaças

com missangas, manufactura de cintos e de colares de missanga, tatuagens.

Em 1942, entrou para a escola da Missão Suíça, onde estudou até 1945, ano em que a escola foi fechada. Dois anos mais tarde, entrou para uma escola da Missão Católica.

Foi para Maputo (então chamada Lourenço Marques), onde trabalhou como criado de bebés, depois como apanha-bolas e cozinheiro de um dos clubes da cidade.

Foi na cidade que começou a desenhar, sendo ainda criado do referido clube. Como um dos clientes desse clube tivesse visto os seus desenhos, entusiasmou-o a ingressar num curso de pintura e desenho existente numa associação particular chamada "Núcleo de Arte". Júlio Navarro apresentou-o ao arquitecto Amâncio d'Alpoim Guedes, que lhe arranjou local para pintar e, mais tarde, lhe permitiu dedicar-se unicamente à pintura.

Depois de um período inteiramente dedicado à pintura e dela vivendo, Malangatana começou a trabalhar como servente-vigilante de uma associação artística e mais tarde passou a servente do Instituto de Investigação Médica de Moçambique. Em 1971, beneficiou de uma bolsa concedida pela Fundação Calouste Gulbenkian, para estudar gravura na Sociedade de Gravadores Portugueses — GRAVURA, em Lisboa.

Ao longo dos anos sessenta, Malangatana expôs, quer individualmente, quer integrado em grupos, em Moçambique, Cidade do Cabo, Ibadan, Londres (no Instituto de Arte Contemporânea) e Paris (Museu do Homem).

Quando o conheci em Lisboa, organizei-lhe uma dupla exposição individual, na Sociedade Nacional de Belas-Artes e na Galeria Bucholz, em Março de 1972. Foi a primeira exposição realizada em Portugal que obteve grande su-



C. Pinto Santos

cesso, tendo sido vendidas todas as obras expostas.

Malangatana está representado em numerosas colecções de Moçambique, Angola, Portugal, África do Sul, Nigéria, Inglaterra, França, Brasil e Estados Unidos da América do Norte.

Também autor de poemas, Malangatana foi editado na revista nigeriana "Black Orpheus", na Penguin ("Contemporary Art in Africa") e numa antologia de poetas africanos de expressão portuguesa, editada em Paris.

## A pintura

O que há na vida quotidiana, que durante o dia o faz pensar no que sonhou e durante a noite o acorda, é na sua obra que se cria a ocasião para uma operação mental que tenda à definição. Clara ou obscura, completa ou balbuciente, mas sem melhor recurso.

Antes. Malangatana:

"Muito antes de começar a pintar, na altura em que estava ligado aos meus tios curandeiros, tinha sonhos, e quando me levantava, cheio de medo, ia contar imediatamente a minha mãe. Sonhava com um gato que vinha arranhar-me e eu acreditava que estava cá dentro ou lá fora. Sonhava com uma cobra que se enrolava em mim, e acreditava que ela estava ali".

Depois. Malangatana:

"Muitos dos meus quadros da época 60, 61 e 62 foram mesmo produzidos à noite. Muitas vezes estava a dormir, tinha alucinações — não sei se digo bem — ou sonhos, de monstros, de que tinha mesmo medo, não resistia, levantava-me e pintava. Isso era para mim uma descarga. Ficava mais aliviado".

Já não é à mãe, ou somente à mãe, que ele conta. Através da pintura e da poesia, Malangatana conta para todos, e primeiramente para si mesmo. Por momentos fica aliviado.

Na acção catártica da pintura ou de qualquer outra arte, entendo que há alguma coisa mais do que uma mera descarga. É, simultaneamente, uma iluminação ou confusão assumida, transparente, e uma inabitual serenidade, como uma nudez eloquente... Todo o

tangível é-o de um modo renovado, sem preconceitos. Para além do fogo do paroxismo, a luz fria que revela o essencial.

Se as pinturas que Malangatana realizou, entre 1959 e 1963, estavam explicitamente ligadas aos temas de curandeirismo e de feitiçaria, reparava-se porém que representava feitiçeiros com cruzeiros cristãos penduradas ao pescoço, e africanos com longos cabelos.

Desde então, é uma obra que não deixará de criar a ocasião para um apelo diante dos fossos que separam os homens. Ou bem que preferimos entrar no mundo como numa grande mascarada, ou bem que procuramos as qualidades universais em vez das particularidades dos pequenos grupos. Trata-se de transpôr a diversidade de culturas, o antigo e o novo, o campo e a cidade.

Sonhos, mitos, superstições... O menos que poderemos dizer é que Malangatana permanece autêntico quando, depois de contar para si, conta para todos. Uma enorme reserva de capacidades inconscientes manifesta-se na sua obra, em que as imagens "realísticas", como que deslizam para outras mais reveladoras. "Nós temos um horror doido do mocho e da coruja", diz ele. E o horror abre as portas do fantástico.

*Horror vacui...* As figuras acumulam-se, enchem completamente o espaço. E quanto mais o quadro é "fantástico", mais as cores se tornam contrastantes, com estridentes amarelos; e onde o sangue ou as lágrimas correm, correm também as tintas, literalmente. E as linhas deixam a marca da emoção.

Se, pelo contrário, a imagem está mais próxima da vida diurna habitual, o desenho é mais sereno, há suavidade na luz e na cor, as formas simplificam-se.

Entre os dois extremos deste ingénuo realismo fantástico africano — e ingénuo porque sabiamente não quer esquecer o que só ele pode fazer lembrar — há quadros em que se incluem sinais das artes decorativas locais, que não são dos menos interessantes, pela síntese ou confrontação de grafismos de ordem individual e de ordem colectiva. E há, entre esses dois extremos, quadros que contam histórias

em que também a fronteira entre o verosímil e o inverosímil é difícil de definir...

## O desenho

O modo de expressão tão imediato como é o desenho não poderia senão ser extraordinariamente revelador. Quem, conhece as pinturas de Malangatana, reconhece nos seus desenhos a sua visão, mas descobre também o espírito de decisão na definição das formas, na escolha dos motivos, no registo das emoções, na essencialização dos temas. Descobre tudo isto num elevado grau de pureza, quando "*os grandes sentimentos são os grandes pensamentos*" (Federico Garcia Lorca), quando a lucidez, a indignação, a ternura e a raiva se impõem como vivida verdade. Concreta. Presente.

Quem conhece as pinturas e as suas transformações ao longo do tempo, obra que gira sempre em torno do mesmo centro, verifica que é no desenho que as transformações mais fecundas se verificam primeiramente. Mais próximos do cerne da criação, os desenhos rompem a brecha que separa a arte da vida. Malangatana procura sempre os sinais humanos, para combater e defender. Mobiliza-os. Coisifica-os.

Não creio que interesse tanto falar de primitivismo a propósito do seu espaço sem vazios, como, a esse propósito, levantar o problema da necessidade, que alguns artistas sentem mais agudamente do que outros, em certas condições, como eram, no início dos anos setenta, as de um revolucionário numa sociedade opressora: a necessidade de fortificação dos sinais, para que alheias alterações do contexto não deixem esquecer os factos e a sabedoria de onde brotaram. Malangatana é um desses artistas. Acumulam-se os seres humanos e os seus rostos. Acumulam-se monstros com olhos de gente nos seus desenhos do início dos anos setenta. Representa-se gente que actua como monstros. E para que se acumulem mais sinais na superfície do papel, as figuras tornam-se transparentes. E figuras grandes agregam outras de menor escala, porque olhar uma coisa faz lembrar outras. Ver é pensar. □